

O Golem

CARAMBAIA

Gustav Meyrink

TRADUÇÃO
Petê Rissatti

POSFÁCIO
Luis S. Krausz



O Golem

Sono 9

Dia 12

1 21

Praga 29

Ponche 43

Noite 61

Desperto 76

Neve 85

Espectro 96

Luz 113

Aflicção 122

Medo 149

Impulso 158

Mulher 171

Ardil 198

Tormento 215

Maio 227

Lua 244

Livre 265

Fim 276

Postácio 289

Sono

O luar recai sobre os pés de minha cama e lá repousa como uma pedra pesada, redonda, lisa. Quando o disco começa a encolher e um de seus lados a afundar – como um rosto que envelhece, primeiro mostrando rugas nas bochechas e emagrecendo apenas de um lado –, então, a essa hora da noite, uma inquietação sombria e torturante se apodera de mim.

Nem dormindo nem em vigília, mas num meio sonho, tudo o que vivi mistura-se em minha alma com tudo o que li e ouvi, como correntezas variadas confluindo em cores e transparências.

Antes de me deitar, li sobre a vida de Buda Gautama, e na minha mente continua a se repetir de mil formas, sem cessar, a seguinte frase:

“Um corvo voou até uma pedra que parecia um grande toucinho e pensou: talvez aqui haja algo de bom para comer. Mas, como não encontrou nada de bom ali, voou para

longe. Como o corvo que se aproxima da pedra, nós, os tentadores, abandonamos o asceta Gautama, pois perdemos o prazer que tínhamos em sua companhia.”

E a imagem da pedra que parecia um grande toucinho cresce monstruosamente em meu cérebro:

Estou atravessando o leito seco de um rio, apanhando seixos lisos.

São cinza-azulados, recobertos de poeira brilhante, e não sei o que fazer com eles, apesar de pensar muito nisso – então eles ficam negros com manchas amarelo-enzofre, como estatuazinhas de salamandras gordas e sarapintadas feitas por mãos de crianças.

E quero jogar para longe de mim esses seixos, mas eles sempre caem da minha mão, e não consigo tirá-los da minha vista.

Todas as pedras que já tiveram algum papel na minha vida surgem ao meu redor.

Muitas se esforçam penosamente para sair da terra e alcançar a luz – como grandes caranguejos cor de ardósia quando a maré avança –, como se quisessem fazer o possível para atrair minha atenção, para me dizer coisas de infinita importância.

Outras – exaustas – despençam de volta em seus buracos, desistindo de me transmitir sua mensagem.

Às vezes, começo a emergir da penumbra desses quase sonhos e de novo vislumbro, por um momento, o luar que jaz na barra de meu cobertor amontoado como uma pedra pesada, redonda e lisa, e tateio novamente minha consciência oscilante, buscando inquieto aquela pedra que me tortura – a que se oculta em algum lugar nos escombros das minhas lembranças e parece um grande toucinho.

Imagino que, no passado, uma calha de escoamento da chuva devia desembocar ao lado dela, sobre a terra – torta em um ângulo levemente curvado para fora, com as beiradas corroídas pela ferrugem –, e tento me obrigar

teimosamente, em espírito, a me apegar a tal imagem para ludibriar minha mente perturbada e embalá-la no sono.

Não consigo.

De novo e de novo, com uma obstinação estúpida, uma voz teimosa se repete no meu íntimo – incansável como uma janela que o vento faz bater a intervalos regulares contra a parede: isso é muito diferente, não é a pedra que parece um toucinho.

É impossível me livrar da voz.

Quando retruco pela centésima vez que tudo isso era totalmente secundário, ela se cala por um breve instante, mas em seguida começa a despertar, sem que eu perceba, e recomeça com sua teimosia: ora, ora, muito bem, mas não é a pedra que parece um pedaço de toucinho...

Aos poucos, uma sensação insuportável de desespero começa a se apoderar de mim.

Não sei o que aconteceu em seguida. Abandonei voluntariamente qualquer resistência ou eles, meus pensamentos, me dominaram e me amordaçaram?

Sei apenas que meu corpo ainda jaz na cama, adormecido, e meus sentidos não estão mais ligados a ele.

De repente, quero perguntar “quem sou eu”, mas me dou conta de que não tenho mais nenhum órgão que me permita fazer perguntas; em seguida, temo que a voz idiota desperte novamente e recomece o interrogatório eterno sobre a pedra e o toucinho.

Então eu me afasto.

Dia

De repente, lá estava eu, em um pátio lúgubre, olhando, através de uma arcada avermelhada – do lado oposto do beco estreito e sujo –, um adeleiro judeu recostado a um arco abobadado, de cujas paredes pendiam pedaços de ferro, ferramentas quebradas, estribos e patins de gelo enferrujados e todo tipo de coisas mortas.

E essa imagem trazia em si a monotonia torturante própria a todas as impressões que ultrapassam o umbral de nossa percepção frequentemente, dia após dia, como caixeiros-viajantes, e não provocou em mim nem curiosidade nem surpresa.

Eu me dei conta de que aquele quadro me era muito familiar.

Essa sensação, apesar do contraste com aquilo que eu havia percebido pouco antes e como eu havia chegado ali, não me causou nenhuma impressão mais profunda.

De repente, me ocorreu que eu devia ter lido alguma vez sobre uma comparação esquisita entre uma pedra e um

toucinho: essa ideia surgiu enquanto eu subia os degraus gastos até meus aposentos e me perdi em pensamentos fugidios com a aparência encardida das soleiras de pedra.

Então ouvi passos no andar de cima e, quando cheguei à minha porta, vi que era Rosina, a ruiva de 14 anos do adeleiro Aaron Wassertrum.

Tive de me espremer para passar por ela, e ela, parada de costas para o corrimão, curvou o corpo voluptuosamente.

Havia pousado as mãos sujas sobre o corrimão de ferro – para se segurar –, e eu vi como seu braço nu se destacava na penumbra em sua palidez.

Evitei seu olhar.

Enojava-me aquela risada inoportuna no rosto ceroso de cavalinho de brinquedo.

Tive a impressão de que sua carne branca e esponjosa tinha a textura do axolote que eu vira antes na gaiola da salamandra, na loja do vendedor de pássaros.

Os cílios dos ruivos me causam repugnância como os cílios de um coelho.

Abri minha porta e a bati rapidamente atrás de mim.

Da minha janela eu podia ver o adeleiro Aaron Wassertrum parado diante de sua loja.

Encostado no batente daquele lugar escuro, com um alicate cutucava as unhas das mãos, com gestos enviesados. A ruiva Rosina era sua filha ou sua sobrinha? Ela não se parecia com ele. Entre os rostos judeus que diariamente vejo surgir no Beco do Galo, consigo diferenciar claramente as diversas tribos, que pouco se deixam macular pelos laços estreitos de parentesco entre eles, como o óleo não se mistura com a água. Se é impossível dizer que aqueles são irmãos ou pai e filho, dá para determinar quem pertence a tal tribo e quem, àquela outra; e isso é tudo que se pode ler nas feições do rosto.

Portanto, ainda que Rosina se parecesse com o adeleiro, isso nada provaria.

Essas tribos alimentam umas pelas outras um nojo e uma repugnância que rompem até mesmo as barreiras do estreito laço sanguíneo, mas sabem escondê-los do mundo exterior, como quem protege um segredo perigoso.

Nenhuma deixa transparecer, e nesse acordo tácito se assemelham a cegos cheios de ódio que se agarram a uma corda impregnada de imundícies: um se agarra com as duas mãos, outro a contragosto, outro ainda apenas com um dedo, mas todos tomados pelo pavor supersticioso de que podem despencar no abismo assim que abrirem mão do apoio em comum e se separarem dos demais.

Rosina é daquela tribo cujo tipo ruivo torna ainda mais repulsivo que os outros. Os homens têm peito estreito e pescoço comprido e galináceo, com o pomo de adão saliente. Tudo neles é coberto de sardas, e durante toda a vida sofrem tormentos ferosos e lutam secretamente contra seus desejos, uma batalha ininterrupta e vã, aterrorizados por um medo sempiterno e repugnante por sua saúde.

Eu não via muito claramente como eu podia considerar uma ligação de parentesco entre Rosina e o adeleiro Wassertrum. Eu nunca a via perto do velho, nem notei se alguma vez haviam trocado alguma palavra.

Mas ela andava sempre em nosso pátio ou se esgueirava nos cantos e corredores escuros de nosso prédio.

O que é certo é que todos os meus vizinhos a consideravam uma parente próxima ou ao menos uma protegida do adeleiro, e ainda assim estou convencido de que ninguém poderia apresentar uma prova para tais suposições.

Querendo afastar meus pensamentos de Rosina, me pus a observar o Beco do Galo através da janela aberta de meu quarto.

Como se sentisse meu olhar, Aaron Wassertrum de repente virou o rosto para mim – um rosto rígido e horrendo, com olhos redondos de peixe e a boca deformada pelo lábio leporino entreaberto.

Ele me fez pensar em uma aranha humana que percebe o mais ínfimo movimento de sua teia, por mais indiferente que finja parecer. E de que ele vive? O que ele pensa e quais são seus propósitos? Eu não sabia.

Nas paredes de sua loja pendiam, invariáveis, dia após dia, ano após ano, as mesmas coisas mortas e sem valor.

Eu poderia desenhá-las de olhos fechados: aqui, o trompete de latão branco, amassado e sem pistões; ali, a pintura em papel amarelado, com soldados em um agrupamento estranho. Em seguida, uma guirlanda de esporas de cavaleiro enferrujadas, enfiada em uma faixa de couro mo-fada, e mais um punhado de quinquilharias emboloradas.

E à frente, no chão, empilhadas de tal modo que ninguém conseguia cruzar a soleira da entrada, chapas de fogão redondas de ferro.

Todas essas coisas permaneciam ali, sem que sua quantidade aumentasse ou diminuísse, e, quando um transeunte de vez em quando se detinha e perguntava pelo preço de uma coisa ou outra, o adeleiro era tomado por uma agitação frenética.

De um jeito pavoroso, esgarçava o lábio leporino e, irritado, resmungava qualquer coisa incompreensível em um tom grave tão gorgolejante e gago que o comprador perdia a vontade de perguntar e tomava seu rumo, aterrorizado.

Rápido como um lampejo, o olhar de Aaron Wassertrum desviara-se do meu e agora pousava com interesse tenso em uma parede desnuda do prédio vizinho, que dava para minha janela. O que ele podia estar vendo ali?

A construção ficava de costas para o Beco do Galo, e todas as suas janelas davam para o pátio! Todas, menos uma.

Nesse momento, me pareceu que havia gente entrando nos cômodos que ficavam na mesma altura que os meus no prédio ao lado – acho que pertencem a um ateliê minúsculo –, pois através da parede pude ouvir uma voz masculina e uma feminina conversando.

No entanto, era impossível que o adeleiro lá embaixo tivesse ouvido!

Alguém se moveu diante da minha porta, e adivinhei Rosina, sempre lá fora, na escuridão, esperando ansiosa que eu talvez a convidasse para entrar.

E, meio andar abaixo, Loisa, aquele duende com rosto imberbe marcado de varíola, na escadaria e contendo a respiração, espreita se a porta se abrirá, e eu sinto, como se fosse palpável, o sopro de seu ódio e a espuma da inveja subindo até mim.

Loisa teme se aproximar e ser percebido por Rosina. Sabe que depende dela como um lobo faminto de seu cuidador e ainda assim preferiria dar o bote e, sem pensar, soltar as rédeas de sua fúria!

Sentei-me à escrivaninha e busquei minhas pinças e meu buril, mas não consegui terminar nada – minha mão não estava tranquila o bastante para restaurar as finas gravuras japonesas.

A atmosfera tenebrosa e sombria que rodeia este prédio perturba meu ânimo, e as antigas imagens não cessam de surgir dentro de mim.

Loisa e seu irmão gêmeo, Jaromir, não são mais que um ano mais velhos que Rosina.

Quase já não consigo me lembrar do pai deles, um pai-deiro que assava hóstias, e agora acho que quem cuida deles é uma velha. Só que não sei dizer qual delas, entre as muitas que moram escondidas no prédio, como sapos em suas tocas.

Ela cuida dos dois rapazes; quer dizer, ela os abriga, e em troca eles precisam entregar a ela o que eventualmente conseguem roubando ou mendigando.

Se ela também lhes dá algo de comer? Não acho provável, pois a velha só vem para casa tarde da noite.

Seu trabalho é lavar cadáveres.

Quando ainda eram crianças, eu via Loisa, Jaromir e Rosina brincando inocentemente no pátio.

Mas esse tempo já passou há muito.

Agora, Loisa passa o dia inteiro atrás da garota judia ruiva.

Às vezes, ele a procura por muito tempo e em vão, e, quando não consegue encontrá-la em lugar nenhum, esgueira-se até a minha porta e espera com rosto transfigurado até que ela chegue na ponta dos pés.

Então, enquanto trabalho, eu o imagino lá fora, à espreita no corredor estreito, a cabeça inclinada para a frente, ouvindo, estendendo o pescoço macilento.

Às vezes, um ruído louco rompe de repente o silêncio.

Jaromir, que é surdo-mudo, e cuja existência se resume a desejar Rosina contínua e loucamente, erra como um animal ao redor do prédio, e seu rosnado inarticulado, como um uivo que ele emite, inconscientemente, de ciúme e raiva, soa tão aterrador que o sangue de quem o ouve parece gelar nas veias.

Ele busca os dois, sempre supõe que estão juntos – escondidos em algum dos milhares recônditos imundos –, em fúria cega, sempre fustigado por pensamentos de que precisa estar nos calcanhares do irmão para que nada aconteça com Rosina sem que ele saiba.

E exatamente essa tortura incessante do aleijado, creio eu, é o estímulo que incita Rosina a sempre estar envolvida com o outro. Quando a boa vontade ou disposição da garota enfraquece, Loisa sempre pensa em alguma atrocidade especial para atizar novamente a ânsia de Rosina.

Então os dois fingem que são flagrados ou realmente se deixam flagrar pelo surdo-mudo e atraem o louco insidiosamente atrás deles pelas passagens escuras, onde montam armadilhas maldosas feitas com aros de barris enferrujados que voam nas alturas quando se pisa neles e rastelos de ferro – com os dentes virados para cima –, nos quais ele há de pisar e cair sangrando.

De vez em quando, Rosina articula sozinha uma ideia diabólica para dar máxima intensidade a seus suplicios.

De modo brusco, ela muda de atitude para com Jaromir e finge que, de uma hora para outra, passou a gostar dele. Com expressão sempre sorridente, ela logo compartilha com o aleijado coisas que o põem em uma excitação quase louca, e, para tanto, criou uma língua de sinais secreta de aparência misteriosa, que pode ser apenas parcialmente compreendida e envolve o surdo-mudo de forma indefensável em uma rede indelével de incerteza e esperanças intensas.

Um dia eu o vi no pátio diante dela, e ela falava com ele usando movimentos labiais e gestos tão violentos que pensei que ele sucumbiria a qualquer momento a uma crise nervosa.

O suor corria pelo rosto do rapaz pelo esforço sobre-humano de desvendar o sentido da mensagem deliberadamente tão apressada e tão ininteligível.

E, durante o dia seguinte inteiro, ele ficou, em espera febril, nas escadarias escuras de uma casa em ruínas, que ficava na continuação do estreito e sujo Beco do Galo – até que perdeu a hora de mendigar algumas moedas nas esquinas.

E quando, tarde da noite, ele quis voltar para casa, meio morto de fome e excitação, a velha já trancara a porta havia muito tempo.

*

Uma risada alegre de mulher atravessou as paredes do ateliê contíguo e chegou até mim.

Uma risada? Nessas casas, uma risada alegre? Em todo o gueto, não vive ninguém capaz de rir alegremente. Lembrei então que Zwakh, o velho marionetista, havia me confidenciado uns dias antes que um rapaz distinto havia alugado o ateliê dele por um bom valor – seguramente

para poder encontrar-se com a escolhida de seu coração sem ser observado.

Pouco a pouco os móveis luxuosos do novo inquilino subiam secretamente, à noite, para que ninguém no prédio os notasse.

O bom velho esfregava as mãos de contentamento enquanto me contava e se alegrava de um jeito infantil pelo modo astuto como conseguira tudo aquilo: nenhum dos vizinhos fazia ideia da existência daquele par romântico.

Era possível chegar ao ateliê discretamente por três apartamentos diferentes. Havia até um acesso por meio de um alçapão!

Sim, abrindo a porta de ferro que ficava no assoalho do quarto – e lá de cima era muito fácil fazê-lo –, era possível chegar às escadas do nosso prédio, passando pela minha porta e usando-a como saída...

Novamente ressoa a risada alegre e faz emergir em mim a vaga lembrança de um apartamento luxuoso e de uma família nobre, que sempre me convocava para realizar pequenas melhorias em valiosas antiguidades.

De repente, ouço ao lado um grito agudo. Assustado, espreito.

O alçapão de ferro range com força e, no momento seguinte, uma dama irrompe em meu quarto, com os cabelos desgrenhados, pálida como uma parede, um tecido brocado dourado jogado sobre os ombros nus.

– Mestre Pernath, pelo amor de Deus, esconda-me! Não faça perguntas, esconda-me aqui!

Antes que eu pudesse perguntar, minha porta foi escancarada de novo e outra vez fechada com estrépito.

Por um segundo, o rosto do adeleiro Aaron Wassertrum, como uma máscara pavorosa, sorriu para nós.

*

Uma mancha redonda e clara aparece diante de mim, e à luz do luar reconheço novamente os pés de minha cama.

O sono ainda me oprime como um pesado casaco de lã, e o nome Pernath está gravado em letras douradas na minha memória.

Onde eu li aquele nome? Athanasius Pernath?

Acho, acho que há muito, muito tempo, em algum lugar, troquei meu chapéu pelo de outra pessoa e, à época, me surpreendi, pois ele me servia à perfeição, mesmo tendo eu um formato de cabeça extremamente peculiar.

E olhei para dentro do chapéu desconhecido – sim, sim –, lá estava em letras douradas bordadas no forro branco:

ATHANASIVS PERNATH

Eu tive muito medo daquele chapéu, sem saber por quê.

Então a voz que eu havia esquecido e sempre me pergunta onde está a pedra que se parece com toucinho de repente vem até mim como uma flecha.

Rapidamente imagino o perfil anguloso e de doçura sorridente da ruiva Rosina, e dessa forma consigo desviar a flecha, que imediatamente se perde na escuridão.

Sim, o rosto de Rosina! É ainda mais forte que aquela voz estúpida que nunca para de falar; e assim, contanto que eu esteja novamente escondido em meus aposentos no Beco do Galo, posso ficar completamente tranquilo.



Se meus sentidos não me enganam, alguém está subindo a escada atrás de mim, a certa distância, sempre constante, com a intenção de me visitar; então, neste momento, ele deve estar mais ou menos no último lance da escada. Agora ele faz a curva onde fica o apartamento do arquivista Schemajah Hillel e segue pelas lajotas de pedra gastas do corredor até chegar ao andar superior, revestido de ladrilhos vermelhos.

Segue tateando pela parede e agora, exatamente agora, precisa ler meu nome na placa da porta, na penumbra, soletrando-o com esforço.

E eu me pus em pé, no meio do cômodo, e olhei para a entrada.

A porta abriu-se e ele entrou.

Não deu mais que alguns passos na minha direção, não tirou o chapéu, nem disse nenhuma palavra de cortesia.

Tive a impressão de que ele se comportava como se estivesse na própria casa, e considerei totalmente natural